

O HBB é uma bomba. E pode explodir

Mas os médicos não podem fazer nada contra esta realidade, porque são reféns da profissão

RENATO RIELLA
Secretário de Redação

O Hospital de Base é uma bomba armada. Pode explodir a qualquer momento.

A declaração, entre aspas e sem exageros, é de uma médica que trabalha no HBB há mais de 15 anos. Mas há outras imagens que se pode usar. O HBB talvez seja um submarino nuclear (igual ao soviético), que está pegando fogo no Triângulo das Bermudas. Há um rebocador que pretende levá-lo de volta para a costa, enquanto ele afunda, afunda, afunda. Será que o HBB vai terminar no fundo do mar?

A situação é muito mais crítica do que se imagina. Muito mais. Acontece que os médicos não podem falar, porque o Código de Ética maltrata, pune, anula. Nem os presos da Papuda têm tanto medo de apresentar seus problemas. Além disso, a classe veio de uma greve fracassada, que dividiu os novos e velhos profissionais e enfraqueceu a categoria.

Era preciso levantar informações, traçar um diagnóstico da questão hospitalar em Brasília, a partir do drama do Hospital de Base. A muito custo, conseguimos localizar três médicos que resolveram abrir o jogo, discutir cada questão sob todos os ângulos e — principalmente — denunciar. Só que eles serão identificados apenas por pseudônimos: Márcia, João e Roberto, nossos personagens secretos, ficarão no anonimato até que a liberdade de expressão chegue a esta profissão tão mal compreendida.

1 Até os presos da Papuda conseguiram uma forma de sensibilizar a opinião pública para os seus problemas. Mas os médicos, não. Permanecem calados, pagando a culpa pelas deficiências da máquina hospitalar. Por que acontece isso?

João — O preso está num extremo. Está em jogo a vida dele diretamente. O médico não está colocando em risco diretamente a sua vida. Ele é apenas parte de uma estrutura. E é uma estrutura na qual, com o passar do tempo, eu, como médico, relaxo. Depois de algum tempo, até mesmo o remorso vai embora.

Qualquer ser humano relaxa, quando não está em jogo a sua própria vida. Diante de deficiências crônicas, o médico acaba acomodado. Isso é próprio do ser humano. O preso não pode relaxar, porque ele está num paredão. Reagir pode ser a sua última chance de sobrevivência.

Quais os efeitos benéficos, emaléficos, da última greve dos médicos, com relação à situação da Fundação Hospitalar?

João — A greve foi benéfica num ponto: pela primeira vez, conseguimos unir um pouco a estrutura de pensamento da classe médica. Mas em termos práticos, pouco ajudou. Por exemplo: depois da greve, nós só conseguimos receber dois uniformes de trabalho, que já haviam sido prometidos na greve anterior. Vocês acham que o HBB apodereu mais rapidamente depois da greve?

João — Não. Já estava condenado há mais tempo.

Roberto — O problema do Hospital de Base é mais complexo. Resulta em grande parte da Fundação Hospitalar.

A Fundação cria a expectativa no médico de poder exercer melhor a Medicina — e isso já aconteceu realmente em Brasília. Nos hospitais da Fundação era onde se exercia a Medicina de melhor qualidade. Isso ocorreu há mais de dez anos atrás. Mas hoje em dia está crítico, porque a estrutura da Fundação não acompanhou o desenvolvimento da Medicina e a Medicina particular não substituiu essas deficiências estatais.

João — Quando falamos em Medicina particular, queremos dizer Golden, Bradesco, Itaú...

Roberto — Existe, portanto, a impossibilidade de o médico exercer a Medicina bem, porque, como dissemos, os grupos privados não bancam — ou pelo menos não puderam bancar ainda essa iniciativa. E a Fundação realmente deixou de fazer a Medicina de frente em Brasília.

João — Tanta gente diferente. Quase todos são médicos da L-2. Uma das exceções é o atual secretário de Saúde, Laércio Valença.

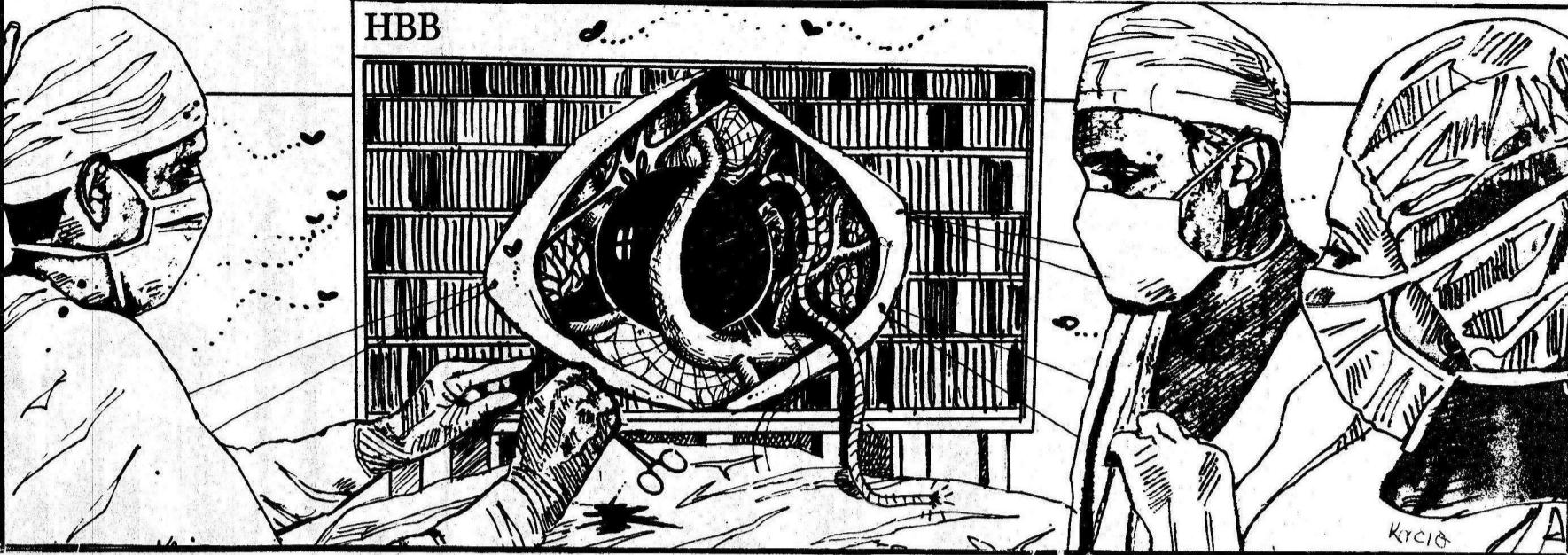
Em junho, o professor Campos da Paz me disse que o HBB já foi um dos hospitais-modelo do País, mas que se tornou inviável.

João — Dou um exemplo do que aconteceu: há pouco mais de dez anos, eu ganhava perto de dois mil dólares. Hoje em dia ganho entre 500 e 600 dólares por mês. Quem é considerado como bem pago, está ganhando cerca de 800 dólares de salário, o que demonstra a queda salarial, depois de 15 a 20 anos de trabalho na Fundação. Agora, o grave é que a metade dos funcionários da Fundação, trabalhando desde a manhã até o fim do dia, ganha apenas um salário mínimo, e nem tem direito a um cafezinho; nem tem um lugar para se encostar. Esse trabalhador, nessas condições, será que merece confiança? E este servidor representa a metade do Hospital de Base: é o atendente de enfermagem, o funcionário administrativo, etc. Tem um outro dado, mais seguro ainda: é que cerca de 80 por cento do pessoal do HBB ganha até quatro salários mínimos.

João — Veja um exemplo: se você mandar um processo para a Fundação, tentando comprar luvas para um médico trabalhar, demora cinco meses para ter uma decisão. Como resolver isso: é só pagar melhor ao pessoal. Ou então contratar alguma firma para dar assessoria administrativa à Fundação.

João — Você falou em contratar firmas, mas essa empresa que fornece alimentação à rede hospitalar, a Sanole, não é tão criticada pela classe médica?

Roberto — Esta não é a solução. O nutricionista da



Laje quebra e engenheiro cai numa maca

2 Qual a situação física do HBB agora?

JOÃO — Pode ser que já tenha desabado.

O que ainda está em funcionamento lá?

MARCIA — Com exceção do quarto andar, que está interditado há um ano, todos os outros estão funcionando. Este quarto andar já tem uma planta feita e lá será instalado o Centro de Cuidados Intensivos, inclusive com Unidade Coronariana. É uma planta considerada por muitos médicos como perfeita. Mas não se sabe quanto vai funcionar.

ROBERTO — A situação do prédio onde funciona o Pronto Socorro é a seguinte: abaixo desse quarto andar, está funcionando a Neurologia, no terceiro andar. No segundo andar, funcionam o Centro Cirúrgico de Emergência e a Terapia Intensiva. E o primeiro andar destina-se ao Pronto Socorro propriamente dito. Mas a situação geral do prédio é trágica, sem oferecer nenhuma segurança a ninguém.

MARCIA — Citando um caso apenas, já comentado pelos jornais: um engenheiro que estava fazendo inspeção no quarto andar, caiu através da laje sobre uma maca do terceiro andar e sofreu pequenas escoriações.

ROBERTO — Na verdade, ele estava fazendo inspeção numa espécie de mezanino do segundo andar, por onde passa a fiação, condutos hidráulicos e outras estruturas, quando pisou num fundo falso e quase se machucou.

Felizmente a maca onde caiu, estava vazia.

Mas ele não sabia que o prédio era frágil?

JOÃO — Acontece que ninguém conhece direito o prédio, que foi todo projetado no Rio de Janeiro. Na construção, ocorreram aberrações. Por exemplo: há um corredor que seria muito útil, unindo o centro cirúrgico à UTI. Só que a maca não consegue fazer a curva no corredor e assim não dá para aquela passagem. Nesse mesmo corredor, seriam necessários dois alto-falantes para comunicação, mas instalaram doze. Tudo isso herança de dezoito anos atrás.

Marcia — Há situações trágicas na Fundação Hospitalar. Para a compra de medicamentos, cada hospital tem como limite a quantia de C\$ 25 mil, no período de três meses. Fora desse limite, tem de fazer licitação. Então, se hoje faltar uma medicinação, o hospital tem C\$ 25 mil para recompor o estoque.

E tem faltado? O que, por exemplo?

MARCIA — Antibióticos. Para receber, nós temos de saber o antibiótico que existe em estoque, porque senão o tratamento tem de ser interrompido no meio. Eu médico pelo remédio que existe, e não pelo que deveria indicar. Se o seu filho estiver doente, eu vou receitar um remédio que talvez faça efeito. Mas se o seu filho morrer, você nem vai poder denunciar isso, porque nós nunca informamos ao paciente sobre essas deficiências. Isso faz parte do Código de Ética Médica. Você nunca pode falar contra a instituição onde trabalha.

Mas não são vocês que elegem o Conselho de Medicina?

JOÃO — A Estrutura médica esteve nas mãos da ditadura durante mais de 20 anos e a Medicina foi convencida com uma série de aberrações, como por exemplo as torturas.

Acontece que os jornalistas, por exemplo, em poucos anos tonaram de volta as suas entidades de classe?

JOÃO — A Estrutura médica esteve nas mãos da ditadura durante mais de 20 anos e a Medicina foi convencida com uma série de aberrações, como por exemplo as torturas.

ROBERTO — Poderia ficar quanto tempo fosse preciso, porque o HRAN, no que se refere ao atendimento mais emergencial, não chega a faltar. O Hospital Presidente Médici poderia permanecer atendendo à Asa Norte.

MARCIA — Vocês falou no Correio, e há um ponto à parte a considerar. Trata-se do distanciamento entre os médicos e os jornalistas. Sempre houve o entendimento de que a imprensa é contra os médicos, o que di-

ceases como esta, o hospital pode pegar fogo, com a explosão do oxigênio retido nos canos. No último domingo, choveu dentro da UTI. A água caia das lâmpadas, no segundo andar, molhando tudo.

ROBERTO — Veja um exemplo do drama: a água quente do terceiro andar foi desligada, porque minava dentro da UTI. E os pacientes tomam banho com água fria no terceiro andar, a não ser quando dá para esquentar uma certa quantidade para casos especiais.

JOÃO — Isso já foi feito muitas vezes, em muitos governos. Já foi feito em vez, a pessoas diferentes. Mas você, quando consegue chegar ao secretário, o presidente da Fundação já mudou, e assim sucessivamente.

ROBERTO — Apesar disso tudo, quantas pessoas ficam internadas, em média, no Hospital de Base?

ROBERTO — Mil, ou mais de mil, permanentemente. Acima do que se pode receber.

E qual o grau de confiabilidade que essas pessoas devem ter no hospital?

JOÃO — A capacidade de improvisação faz o hospital funcionar. As vezes, para poder trabalhar, o médico é obrigado até a roubar equipamentos de outro hospital (o do Ipase, por exemplo), onde ele também é empregado. E pode até pegar um processo por causa disso.

MARCIA — Não fizeram isso e a vistoria do Ministério do Trabalho acabou pedindo a interrupção da obra, por falta de segurança. Os técnicos que foram lá disseram que não se responsabilizavam pelo que pudesse acontecer.

ROBERTO — O real é que estamos trabalhando num hospital que tem pedaço de piso arrancado, paredes rachadas, mofo por todo canto, água de esgoto caindo

ROBERTO — Se o seu filho morrer, você nem vai poder denunciar isso, porque nós nunca informamos ao paciente sobre as deficiências. O Código de Ética proíbe que a gente fale.

JOÃO — O quarto andar já foi desativado. A seguir, todo o hospital também seria desativado. Até o governador disse que ia fechar, o que seria uma conduta correta, embora seja difícil dizer para onde iriam os serviços. Mas seria preciso tirar tudo de lá para então começar os trabalhos. Em caso contrário, é muito perigoso, por causa da existência dos mezaninos ou inter pisos, entre os diversos andares, por onde passam a fiação e os condutos.

ROBERTO — Mas aconteceu que, depois da entrevista do governador, acharam que não dava para fechar. Não havia onde instalar tudo. Houve resistências políticas.

Faltou autoridade?

JOÃO — Agora, é importante explicar que a tarefa é difícil, porque muitos setores trabalham de forma interligada no prédio do Pronto Socorro. O setor de Poliatraumatizados, que funciona na linha de frente do hospital, é um exemplo disso. Ele destaca pela qualidade dos serviços que presta, apesar de tantas improvisações. Qualquer acidente grave vai para aquela área, que depende de toda uma estrutura complementar para funcionar. A dificuldade é que, para o funcionamento de um pronto socorro, é necessário o suporte de toda uma estrutura: ortopedia, UTI, poliatraumatizados, neurologia, cirurgia geral, anestesiologia, cardio-vascular. Não dá para separar esses setores.

ROBERTO — Um dos problemas é que o Hospital de Base está preparado até para fazer transplantes, mas é obrigado a cuidar de diarréias, que podiam ser resolvidas num posto de saúde.

Por que os postos de saúde não pegaram?

MARCIA — Porque funcionam em horário de serviço e, por questões políticas, não se chegou ainda a um acordo.

JOÃO — Agora, é importante explicar que a tarefa é difícil, porque muitos setores trabalham de forma interligada no prédio do Pronto Socorro. O setor de Poliatraumatizados, que funciona na linha de frente do hospital, é um exemplo disso. Ele destaca pela qualidade dos serviços que presta, apesar de tantas improvisações. Qualquer acidente grave vai para aquela área, que depende de toda uma estrutura complementar para funcionar. A dificuldade é que, para o funcionamento de um pronto socorro, é necessário o suporte de toda uma estrutura: ortopedia, UTI, poliatraumatizados, neurologia, cirurgia geral, anestesiologia, cardio-vascular. Não dá para separar esses setores.

ROBERTO — Um dos problemas é que o Hospital de Base está preparado até para fazer transplantes, mas é obrigado a cuidar de diarréias, que podiam ser resolvidas num posto de saúde.

Por que os postos de saúde não pegaram?

MARCIA — Porque funcionam em horário de serviço e, por questões políticas, não se chegou ainda a um acordo.

JOÃO — Agora, é importante explicar que a tarefa é difícil, porque muitos setores trabalham de forma interligada no prédio do Pronto Socorro. O setor de Poliatraumatizados, que funciona na linha de frente do hospital, é um exemplo disso. Ele destaca pela qualidade dos serviços que presta, apesar de tantas improvisações. Qualquer acidente grave vai para aquela área, que depende de toda uma estrutura complementar para funcionar. A dificuldade é que, para o funcionamento de um pronto socorro, é necessário o suporte de toda uma estrutura: ortopedia, UTI, poliatraumatizados, neurologia, cirurgia geral, anestesiologia, cardio-vascular. Não dá para separar esses setores.

ROBERTO — Um dos problemas é que o Hospital de Base está preparado até para fazer transplantes, mas é obrigado a cuidar de diarréias, que podiam ser resolvidas num posto de saúde.

Por que os postos de saúde não pegaram?

MARCIA — Porque funcionam em horário de serviço e, por questões políticas, não se chegou ainda a um acordo.

JOÃO — Agora, é importante explicar que a tarefa é difícil, porque muitos setores trabalham de forma interligada no prédio do Pronto Socorro. O setor de Poliatraumatizados, que funciona na linha de frente do hospital, é um exemplo disso. Ele destaca pela qualidade dos serviços que presta, apesar de tantas improvisações. Qualquer acidente grave vai para aquela área, que depende de toda uma estrutura complementar para funcionar. A dificuldade é que, para o funcionamento de um pronto socorro, é necessário o suporte de toda uma estrutura: ortopedia, UTI, poliatraumatizados, neurologia, cirurgia geral, anestesiologia, cardio-vascular. Não dá para separar esses setores.

ROBERTO — Um dos problemas é que o Hospital de Base está preparado até para fazer transplantes, mas é obrigado a cuidar de diarréias, que podiam ser resolvidas num posto de saúde.

Por que os postos de saúde não pegaram?

MARCIA — Porque funcionam em horário de serviço e, por questões políticas, não se chegou ainda a um acordo.

JOÃO — Agora, é importante explicar que a tarefa é difícil, porque muitos setores trabalham de forma interligada no prédio do Pronto Socorro. O setor de Poliatraumatizados, que funciona na linha de frente do hospital, é um exemplo disso. Ele destaca pela qualidade dos serviços que presta, apesar de tantas improvisações. Qualquer acidente grave vai para aquela área, que depende de toda uma estrutura complementar para funcionar. A dificuldade é que, para o funcionamento de um pronto socorro, é necessário o suporte de toda uma estrutura: ortopedia, UTI, poliatraumatizados, neurologia, cirurgia geral, anestesiologia, cardio-vascular. Não dá para separar esses setores.

ROBERTO — Um dos problemas é que o Hospital de Base está preparado até para fazer transplantes, mas é obrigado a cuidar de diarréias, que podiam ser resolvidas num posto de saúde.

Por que os postos de saúde não pegaram?

MARCIA — Porque funcionam em horário de serviço e, por questões políticas, não se chegou ainda a um acordo.

JOÃO — Agora, é importante explicar que a tarefa é difícil, porque muitos setores trabalham de forma interligada no prédio do Pronto Socorro. O setor de Poliatraumatizados, que funciona na linha de frente do hospital, é um exemplo disso. Ele destaca pela qualidade dos serviços que presta, apesar de tantas improvisações. Qualquer acidente grave vai para aquela área, que depende de toda uma estrutura complementar para funcionar. A dificuldade é que, para o funcionamento de um pronto socorro, é necessário o suporte de toda uma estrutura: ortopedia, UTI, poliatraumatizados, neurologia, cirurgia geral, anestesiologia, cardio-vascular. Não dá para separar esses setores.

ROBERTO — Um dos problemas é que o Hospital de Base está preparado até para fazer transplantes, mas é obrigado a cuidar de diarréias, que podiam ser resolvidas num posto de saúde.

Por que os postos de saúde não pegaram?

MARCIA — Porque funcionam em horário de serviço e, por questões políticas, não se chegou ainda a um acordo.

JOÃO — Agora, é importante explicar que a tarefa é difícil, porque muitos setores trabalham de forma interligada no prédio do Pronto Socorro. O setor de Poliatraumatizados, que funciona na linha de frente do hospital, é um exemplo disso. Ele destaca pela qualidade dos serviços que presta, apesar de tantas improvisações. Qualquer acidente grave vai para aquela área, que depende de toda uma estrutura complementar para funcionar. A dificuldade é que, para o funcionamento de um pronto socorro, é necessário o suporte de toda uma estrutura: ortopedia, UTI, poliatraumatizados, neurologia, cirurgia geral, anestesiologia, cardio-vascular. Não dá para separar esses setores.